

TÉCNICAS CORPORAIS E O PROCESSO SAÚDE-DOENÇA: Um olhar cultural no cuidado em enfermagem

Lívia Alves Cinsa¹

RESUMO

Este artigo aborda a interseção entre o processo saúde-doença e as técnicas corporais, destacando o papel da enfermagem na integração de aspectos culturais e sociais no cuidado à saúde. Além da abordagem biomédica, a saúde deve ser compreendida de forma holística, levando em consideração os contextos sociais, culturais e históricos dos pacientes. A enfermagem, enquanto prática que lida diretamente com o paciente, é vista como um elo entre o técnico e o humano, sendo fundamental para um cuidado mais humanizado e contextualizado. Na metodologia, o estudo adota uma abordagem qualitativa, exploratória e bibliográfica, fundamentada em uma revisão da literatura sobre o processo saúde-doença e as técnicas corporais, com ênfase na obra de Marcel Mauss. A análise busca compreender como as práticas culturais moldam a percepção do corpo e a resposta ao cuidado de saúde, além de investigar como a enfermagem pode integrar essas práticas no atendimento. Os resultados e discussões revelam que o processo saúde-doença não se limita à biologia, mas é mediado por fatores culturais, sociais e históricos. A teoria de Mauss sobre as "técnicas corporais" são aplicadas para ilustrar como as práticas corporais variam entre culturas e influenciam o cuidado. A enfermagem, ao reconhecer essas diferenças, pode promover um atendimento mais eficaz e sensível, respeitando as crenças e práticas dos pacientes. Considerações finais: a enfermagem deve adotar uma abordagem que transcenda da biomedicina, integrando práticas culturais e sociais ao cuidado. A incorporação das ciências sociais e das técnicas corporais de Mauss na prática de enfermagem enriquece o cuidado, tornando-o mais humano, ético e respeitoso às individualidades dos pacientes.

Palavras-chave: Cultura corporal; Cuidado humanizado; Perspectiva social

¹Enfermeira, Doutoranda no Programa de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Mestra em Saúde Coletiva, Especialista (modalidade Residência) Multiprofissional em Saúde do Adulto com Ênfase em Doenças Crônico-Degenerativas. Especialista em Preceptoria no SUS, Mediação de Processos Educacionais na Modalidade Digital e Enfermagem na Atenção Primária com Ênfase na Estratégia Saúde da Família, Auditoria em Serviços de Saúde, Nefrologia Multidisciplinar e Enfermagem do Trabalho. E-mail: enfermeiraliviacinsa@gmail.com

ABSTRATC

This article explores the intersection between the health-disease process and body techniques, emphasizing the role of nursing in integrating cultural and social aspects into healthcare. In addition to the biomedical approach, health should be understood holistically, taking into account the social, cultural, and historical contexts of patients. Nursing, as a practice that works directly with patients, is seen as a bridge between the technical and the human, playing a key role in providing more humanized and contextualized care. In the methodology, the study adopts a qualitative, exploratory, and bibliographical approach, based on a literature review on the health-disease process and body techniques, with a focus on the work of Marcel Mauss. The analysis seeks to understand how cultural practices shape the perception of the body and the response to healthcare, and how nursing can integrate these practices into care. The results and discussion reveal that the health-disease process is not limited to biology but is mediated by cultural, social, and historical factors. Mauss' theory of "body techniques" is used to illustrate how bodily practices vary between cultures and influence care. By recognizing these differences, nursing can promote more effective and sensitive care, respecting patients' beliefs and practices. In the final considerations, the article stresses that nursing should adopt an approach that goes beyond biomedicine, integrating cultural and social practices into care. The incorporation of social sciences and Mauss' body techniques into nursing practice enriches care, making it more human, ethical, and respectful of patients' individualities.

Keywords: Body culture; Humanized care; Social perspective

INTRODUÇÃO

Ser enfermeira é, em muitos aspectos, ser um elo entre o técnico e o humano no cuidado à saúde. Ao longo dos anos, minha prática profissional foi marcada pela constante busca por entender o paciente não apenas como um corpo biológico, mas como um ser inserido em um contexto social, cultural e histórico.

A prática da enfermagem tradicionalmente se baseia em uma abordagem biomédica, focada na assistência técnica e no cuidado direto ao corpo humano. No entanto, ao longo do tempo, tornou-se evidente que a saúde e a doença não podem ser compreendidas apenas por meio de aspectos biológicos e físicos.

O reconhecimento da relevância do ensino de Ciências Sociais na formação dos profissionais da saúde está relacionado a questões essenciais como o direito à saúde, a ética na interação entre profissional e paciente, os desafios impostos pelas desigualdades sociais no campo da saúde e a perspectiva humanista do cuidado integral (Pimenta e Oliveira, 2020).

Nesse contexto, as Ciências Sociais proporcionam aos estudantes uma visão abrangente do paciente, não apenas como sujeito de direitos inserido em um contexto social, cultural, econômico e político, mas também como um agente crítico e ativo em relação ao seu corpo, capaz de identificar os processos de adoecimento, fazer escolhas informadas sobre as terapias propostas e, dessa forma, contribuir para a continuidade e a transformação das práticas de saúde (Pimenta e Oliveira, 2020).

A cultura é um elemento constitutivo da saúde, e o conceito de saúde é formulado de acordo com aspectos culturais. A cultura pode afetar a saúde de forma positiva ou negativa. A compreensão do fenômeno saúde-doença exige uma abordagem que vá além dos aspectos biomédicos e que considere os valores, atitudes e crenças da população. Esses fatores culturais são cruciais, pois determinam como as pessoas percebem e reagem ao processo de adoecimento, e influenciam suas escolhas em relação aos cuidados de saúde.

A compreensão e o tratamento das questões relacionadas à saúde e à doença variam amplamente entre as diferentes sociedades, refletindo uma complexa inter-relação entre fatores culturais, religiosos, sociais e econômicos. De acordo com Helman (2009), cada cultura desenvolve suas próprias crenças e práticas, que influenciam diretamente a maneira como seus membros percebem o conceito de saúde e adoecimento, além de moldar as abordagens utilizadas para o cuidado e o tratamento de doenças.

O processo saúde-doença é um conceito central tanto nas ciências da saúde quanto nas ciências sociais, pois envolve não

apenas a compreensão biológica das enfermidades, mas também as interações sociais, culturais e comportamentais dos indivíduos e suas relações com o corpo e o ambiente.

Dentro desse contexto, a obra de Marcel Mauss, antropólogo francês, introduziu em 1934 o conceito de “técnicas corporais”, que se tornou uma referência na análise das práticas físicas influenciadas pelo contexto cultural e social (Mauss, 2003). A obra do autor oferece uma abordagem teórica que permite compreender como as práticas corporais são moldadas pela cultura e, ao mesmo tempo, influenciam o modo como os indivíduos vivenciam a saúde e a doença.

Este artigo visa explorar a intersecção entre o processo saúde-doença e as técnicas corporais, destacando o papel da enfermagem como mediadora dessas práticas e investigando como a incorporação de práticas culturais pode contribuir para um atendimento de saúde mais humano e contextualizado.

MÉTODOS

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e bibliográfico, fundamentada na reflexão crítica e na análise teórica. A primeira etapa consistiu em uma revisão da literatura sobre os conceitos de processo saúde-doença e técnicas corporais, com ênfase na obra de Marcel Mauss, *As técnicas corporais* (1973), além do papel da enfermagem no contexto cultural e social do cuidado em saúde. Foram selecionados textos acadêmicos, artigos científicos e livros nas áreas de ciências sociais, antropologia e enfermagem que abordam a influência da cultura sobre o cuidado e o uso do corpo.

A segunda etapa envolveu a interpretação dos conceitos e teorias extraídos da revisão bibliográfica, com o objetivo de relacionar as técnicas corporais de Mauss ao processo saúde-doença e à prática de enfermagem. Buscou-se compreender como a percepção cultural

do corpo e das práticas de autocuidado influenciam tanto a saúde dos indivíduos quanto o trabalho dos profissionais de enfermagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Processo Saúde-Doença: uma Visão Social e Cultural

O processo saúde-doença é um fenômeno complexo e dinâmico, no qual a saúde não se define apenas pela ausência de doenças, mas como um estado de bem-estar que envolve aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Segundo Canguilhem (1995), a saúde é uma construção normativa, que vai além do simples oposto da doença, refletindo as mudanças e variações conforme as condições de vida e os contextos sociais.

Nas ciências sociais, esse processo é entendido como uma construção social, onde as percepções e experiências de saúde e doença são moldadas pelas crenças, práticas e valores culturais. A enfermagem, enquanto ciência e prática, dedica-se ao cuidado considerando não apenas os aspectos clínicos, mas também o contexto de vida dos pacientes, suas crenças, práticas e formas de lidar com o corpo e a saúde, como destacado por Lefèvre e Lefèvre (2009). Essa abordagem enfatiza a importância de uma prática humanizada, que respeite as dimensões culturais e subjetivas de cada indivíduo no processo de cuidado.

No campo das ciências sociais, o processo saúde-doença é amplamente compreendido como um fenômeno social e culturalmente mediado, onde a percepção do corpo e do cuidado é moldada pelos valores e práticas locais (Good, 1994; Helman, 2009). Em sua obra, Helman (2009) enfatiza que a saúde e a doença não são apenas fenômenos biológicos, mas experiências vividas e interpretadas de acordo com o contexto cultural, reforçando a importância de uma abordagem holística no cuidado.

Para Langdon (2003) as culturas influenciam as concepções de saúde, doença e cura. A autora observa que a experiência de adoecer não é universal e homogênea, mas permeada por significados culturais que moldam tanto a vivência individual do sofrimento quanto as práticas sociais de cuidado e tratamento.

A abordagem de Langdon complementa as ideias de Mauss ao propor que os processos de saúde e doença são atravessados por símbolos culturais que influenciam a percepção do corpo. Em muitas culturas, o corpo não é um objeto isolado, mas parte de um sistema de relações sociais que afetam e orientam os rituais de cura e as respostas ao sofrimento. Dessa forma, as técnicas corporais prescritas por Mauss podem ser vistas como um elemento-chave no entendimento da saúde, pois servem para materializar práticas culturais de proteção e cura.

Duarte (2003) amplia essa discussão ao analisar como os conceitos de pessoa e identidade influenciam a experiência da doença e do sofrimento. O autor argumenta que cada sociedade possui uma concepção distinta do que é "ser uma pessoa", e essas concepções afetam diretamente como o sofrimento e a doença são compreendidos e tratados. Em algumas culturas, a doença pode ser vista como um desequilíbrio espiritual ou social, enquanto em outras ela é encarada como uma condição puramente física.

A partir da perspectiva de Duarte (2003), a doença e o sofrimento são fenômenos profundamente pessoais e subjetivos, mas ao mesmo tempo, são moldados por expectativas sociais sobre como o corpo e a mente devem funcionar. Assim, as técnicas corporais discutidas por Mauss não são apenas práticas físicas, mas também carregam um peso simbólico e identitário, refletindo as expectativas da sociedade sobre o que significa estar saudável ou doente.

Para Silveira (2000) a doença é expressa através do corpo, entendendo-a como uma forma de linguagem. A autora propõe que o corpo é um meio pelo qual o sofrimento é comunicado, muitas vezes

de forma simbólica. O adoecimento pode ser uma resposta a conflitos psicológicos e sociais que, por sua vez, encontram expressão no corpo.

A obra de Silveira (2000) complementa o entendimento das técnicas corporais, sugerindo que a doença é também uma manifestação culturalmente codificada. As formas de adoecimento variam entre culturas, pois cada sociedade tem uma linguagem própria para expressar e interpretar o sofrimento. O corpo, nesse contexto, torna-se um texto que "fala" sobre as aflições individuais e coletivas, e as práticas culturais de cura ou tratamento envolvem a decodificação dessa linguagem.

As Técnicas Corporais segundo Marcel Mauss

Marcel Mauss, em sua obra "As técnicas corporais" (2003), define essas técnicas como "as maneiras pelas quais os homens, de sociedade para sociedade, sabem se servir de seu corpo". Mauss argumenta que as práticas corporais não são universais; elas são influenciadas pela cultura, variando de acordo com o tempo e o espaço social.

Ao observar e descrever como diferentes sociedades utilizam o corpo em tarefas cotidianas, Mauss demonstra que o corpo é um instrumento social moldado por tradições e normas culturais, ou seja, ele entendia que as práticas corporais, desde o caminhar até os gestos cotidianos, são moldadas pelo contexto cultural e histórico em que o indivíduo está inserido. Para Mauss, a forma como um indivíduo se move ou realiza determinadas tarefas não é apenas uma questão pessoal, mas reflete normas e práticas culturais aprendidas e passadas de geração em geração.

O conceito de técnicas do corpo oferece uma base para entender como o corpo é utilizado para transmitir valores culturais, inclusive em contextos de saúde e doença. A maneira como uma

cultura específica interpreta a doença, por exemplo, pode determinar quais técnicas corporais são aceitas ou incentivadas como parte de um processo de cura.

No contexto da saúde, as técnicas corporais envolvem desde práticas de autocuidado, como higiene pessoal e alimentação, até práticas terapêuticas, como massagens e exercícios físicos, que também estão associadas às crenças culturais dos indivíduos.

A enfermagem, como uma prática de cuidado direto e contínuo com o paciente, desempenha um papel mediador essencial, especialmente na integração das práticas culturais ao atendimento. Torna-se claro que a forma como o paciente realiza atividades diárias ou lida com o próprio corpo está enraizada em suas experiências culturais e sociais.

Com base na teoria das "técnicas corporais" de Marcel Mauss, é possível entender como as práticas culturais moldam as percepções de saúde e doença, influenciando diretamente o modo como as pessoas cuidam do corpo, interpretam sintomas e respondem aos tratamentos oferecidos.

O Papel da Enfermagem nas Práticas Corporais e Culturais

Na enfermagem, o cuidado é entendido não apenas como intervenção clínica, mas como um processo que envolve a relação e o respeito pelas práticas culturais dos pacientes. O uso das técnicas corporais de Mauss nesse contexto pode ser útil para promover um cuidado humanizado, que reconheça a importância das práticas culturais dos indivíduos.

Para Mauss, os corpos não são meros recipientes biológicos, mas estão imersos em práticas sociais que os moldam e atribuem

significados. No contexto da saúde, isso implica que o corpo é interpretado não apenas com base em sua biologia, mas também por meio das normas, valores e práticas culturais que permeiam a sociedade em que está inserido.

Pacientes de diferentes culturas podem ter maneiras distintas de expressar dor ou desconforto, o que afeta diretamente a forma como o enfermeiro identifica suas necessidades e conduz o tratamento. Para a enfermagem, o reconhecimento dessas técnicas no cuidado é fundamental, pois permite um atendimento que respeite as práticas e valores dos pacientes.

O processo saúde-doença, visto sob essa ótica, se revela muito mais complexo do que o simples diagnóstico e tratamento de enfermidades. As condições sociais e econômicas de vida, as desigualdades no acesso aos serviços de saúde, as influências culturais e até mesmo as questões de identidade e gênero desempenham papéis cruciais na saúde dos indivíduos. Ao cuidar de um paciente, o enfermeiro não está apenas lidando com o corpo físico, mas com um corpo que carrega consigo as marcas dessas condições sociais, suas crenças, seu histórico de vida e, muitas vezes, a dor e o sofrimento de ser marginalizado ou excluído de certos direitos.

A experiência de cuidado, assim, se transforma em um processo de troca. O enfermeiro não apenas fornece a dádiva do cuidado técnico, mas também se envolve em uma troca simbólica, onde o corpo do paciente se torna o centro das práticas de cuidado, mas também o recipiente de saberes, emoções e afetos que transcendem o aspecto puramente biológico. Essa troca pode ser compreendida à luz da teoria de Mauss, pois o cuidado é visto como uma reciprocidade, onde tanto o enfermeiro quanto o paciente estão imersos em relações de troca de cuidados e significados.

Além disso, a teoria dos corpos de Mauss ilumina a importância de reconhecer as diversas formas de corporeidade que existem em

uma sociedade plural. A saúde não deve ser tratada de forma homogênea, mas deve levar em consideração as diferentes vivências e experiências dos indivíduos, baseadas em seu contexto social, histórico e cultural. Os enfermeiros, ao aplicarem essa visão, tornam-se mais do que um técnico; eles se tornam facilitadores de um cuidado mais humanizado, que respeita as dimensões subjetivas e sociais do paciente, e que não limita sua atuação apenas ao tratamento das doenças, mas também ao cuidado com o sofrimento humano em todas as suas formas.

Madeleine Leininger, com sua Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural, argumenta que é essencial adaptar o cuidado de enfermagem às necessidades culturais do paciente para promover a cura e o bem-estar (Leininger, 1991). Essa abordagem transcultural também é discutida por Menéndez (2009), que critica o modelo médico hegemônico por desconsiderar as particularidades culturais dos pacientes e propõe um modelo de saúde mais inclusivo.

Enfermeiros que compreendem e respeitam essas práticas são mais capazes de estabelecer uma comunicação eficaz e desenvolver uma relação de confiança com os pacientes. Práticas tradicionais como o uso de ervas medicinais, técnicas de massagem ou rituais específicos de autocuidado podem ser integrados no plano de cuidado, respeitando as crenças e valores culturais do paciente.

A compreensão das técnicas corporais também fortalece a empatia na enfermagem. Ao enxergar o paciente através da lente de suas próprias práticas corporais e culturais, o profissional de enfermagem se posiciona de maneira mais sensível e atenta às demandas do outro, o que contribui para um relacionamento mais próximo e para a criação de um ambiente de cuidado acolhedor.

A enfermagem, ao atuar diretamente com o paciente e estabelecer um vínculo de confiança, é uma profissão chave para essa mediação entre o sistema de saúde e as práticas culturais dos

indivíduos. Segundo Ayres (2007), o cuidado de saúde não deve ser apenas uma técnica, mas também um ato de respeito e valorização da subjetividade e do contexto cultural do paciente. A prática de enfermagem, dessa forma, pode se beneficiar de uma abordagem que incorpora as técnicas corporais culturais, adaptando intervenções para torná-las mais eficazes e respeitosas ao contexto do paciente.

Langdon e Diehl (2007), ao estudarem as práticas de saúde entre os povos indígenas brasileiros, mostram como essas comunidades possuem concepções de saúde, cura e doença que transcendem a visão biomédica. Em comunidades indígenas, práticas tradicionais como o uso de plantas medicinais e rituais espirituais fazem parte do cuidado com a saúde. Para esses grupos, os profissionais de saúde, incluindo enfermeiros, podem atuar como facilitadores que dialogam e respeitam essas práticas. Leininger (2002), por sua vez, sustenta que profissionais de enfermagem podem melhorar a aceitação e o sucesso do tratamento ao reconhecer e incorporar as práticas culturais dos pacientes no atendimento.

Um exemplo prático dessa abordagem está no uso de técnicas de massagem e respiração de determinadas culturas, que podem ser integradas aos cuidados para aliviar sintomas de ansiedade ou dor. Além disso, Medeiros e Ferraz (2012) discutem como um cuidado culturalmente sensível na enfermagem permite intervenções mais eficazes, especialmente em situações de cuidados paliativos, onde a conexão emocional e o respeito às preferências culturais do paciente podem proporcionar um atendimento mais humano e acolhedor.

Almeida-Filho (2011) reforça essa ideia ao sugerir que os conceitos de "estar saudável" e "ter saúde" transcendem a visão biomédica, dependendo do contexto cultural e social de cada indivíduo. Assim, a enfermagem, ao incorporar esses aspectos culturais e subjetivos, promove um cuidado de saúde mais integral e humanizado. Nesse sentido, os enfermeiros não apenas aplicam

técnicas biomédicas, mas também adaptam suas práticas a partir das técnicas corporais e culturais dos pacientes, reconhecendo a saúde como um conceito dinâmico e multifacetado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo evidenciou a importância de considerar o processo saúde-doença e as técnicas corporais dentro de uma perspectiva social e cultural no contexto da enfermagem, apontando para a necessidade de um cuidado de saúde que vá além do modelo biomédico.

A teoria de Marcel Mauss sobre as técnicas corporais permite uma visão mais ampla do corpo e do cuidado, destacando que as práticas corporais são construídas socialmente e variam entre diferentes culturas e sociedades. Incorporar as práticas culturais aos cuidados permite um atendimento mais contextualizado, respeitoso e eficaz, especialmente em sociedades diversas.

O reconhecimento das técnicas corporais e das práticas culturais no cuidado em saúde não só respeita a identidade e as tradições dos pacientes, mas também enriquece a prática de enfermagem, contribuindo para um cuidado mais holístico e eficaz. Nesse sentido, a incorporação das ciências sociais e, especificamente, das técnicas corporais de Mauss na prática de enfermagem promove um atendimento que valoriza a individualidade do paciente e suas interações com o ambiente ao redor, reforçando o compromisso com a ética e a empatia no cuidado de saúde.

Dessa forma, a enfermagem fortalece seu papel como mediadora, proporcionando uma assistência mais humana e valorizando a cultura e a subjetividade do paciente como aspectos centrais para a promoção da saúde, promovendo um atendimento mais sensível e adaptado às necessidades e particularidades de cada

indivíduo, garantindo que as necessidades de saúde do paciente sejam atendidas de forma completa e respeitosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA-FILHO, Naomar. **O conceito de saúde e a diferença entre "estar saudável" e "ter saúde".** *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 441-460, 2011.

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. **O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde.** *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 43-59, 2007.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

DUARTE; L. F. Dias. **Doença, Sofrimento, Perturbação e Pessoa.** In: *Anais do Seminário sobre Cultura, Saúde e Doença/Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento...* (et. Al.), organização: Leila S. Jeolás. Marlene de Oliveira – Londrina, 2003. p.107 a 115

GOOD, B. J. **Medicine, Rationality, and Experience: An Anthropological Perspective.** Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

HELMAN, C. G. **Cultura, saúde e doença.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LANGDON, Esther Jean. **Cultura e os processos de saúde e doença.** In: *Anais do Seminário sobre Cultura, Saúde e Doença/Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento...* (et. Al.), organização: Leila S. Jeolás. Marlene de Oliveira – Londrina, 2003. p.91-107

LANGDON, Esther Jean; DIEHL, Eliane Eliane. **Saúde e povos indígenas no Brasil:** Reflexões a partir do caso Xukuru do Ororubá, Pernambuco, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 8, p. 1923-1931, 2007.

LEFÈVRE, Frida; LEFÈVRE, A. Márcia. **O processo de cuidar em enfermagem:** construção de uma prática humanizada. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2009.

LEININGER, Madeleine. **Culture Care Theory: A Major Contribution to Advance Transcultural Nursing Knowledge and Practices.** Journal of Transcultural Nursing, Thousand Oaks, v. 13, n. 3, p. 189-192, 2002.

LEININGER, Madeleine. **Culture Care Diversity and Universality: A Theory of Nursing.** New York: National League for Nursing Press, 1991

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEDEIROS, Maria; FERRAZ, Daiane Fernanda. **A enfermagem e a perspectiva cultural no cuidado de saúde.** Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 65, n. 4, p. 590-595, 2012.

MENÉNDEZ, E. L. **O modelo médico e a saúde:** Análise das contradições do cuidado na saúde pública e privada. São Paulo: Hucitec, 2009.

PIMENTA, Melissa de Mattos e OLIVEIRA, Régia Cristina. **A Contribuição da Sociologia para o Ensino em Saúde.** Revista Linhas. Florianópolis, v. 21,n.45,p.260-284,jan./abr.2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/1984723821452020260>. Acesso em: 11 out 2024.

SILVEIRA, M. L. **O nervo cala, o nervo fala:** a linguagem da doença. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.